

# #18

## CULTURA POP NA EDUCAÇÃO

COM MIGUEL THOMPSON

### Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Miguel Thompson

Olá, pessoal, eu sou Miguel Thompson, professor há mais de 35 anos, professor de Biologia, doutor em Oceanografia. Atualmente, sou presidente do Conselho da Revista Educação e diretor acadêmico da Fundação Santillana, que é uma fundação ligada à Editora Moderna. Ao longo da minha vida, pesquisei muito sobre currículo, e sempre estive muito conectado com a cultura infantojuvenil. Acho fundamental que a gente entenda que uma das linhas principais do aprendizado é o construtivismo. E construtivismo hoje é fundamental para conhecer o que o aprendiz sabe sobre determinado assunto que vai ser dito pela escola. Então, entender o que o jovem sabe, conhece e gosta, é importante para que a gente faça planos de aula que sejam significativos para os estudantes. E conhecer a cultura infantojuvenil é um dos elementos fundamentais para que a gente possa preparar aulas que se conectem com o mundo jovem. E esse mundo jovem hoje está muito ligado à música, como sempre. A indústria da cultura popular tem, mais ou menos, uns 100 anos. No início do século XX, com a indústria de massa, também começou a se construir um conceito de indústria cultural de massa. E, foi com a explosão da bomba atômica que a sociedade, como um todo, passou a produzir diferentes nichos de cultura. Então, uma figura icônica é o James Dean, que, talvez, tenha sido o primeiro grande astro infantojuvenil, e que representa, até hoje, um pouco dessa inconformidade juvenil. E Elvis Presley, toda a cultura do Rock and Roll. Os movimentos sociais dos anos sessenta começaram a trazer culturas diversas, o movimento gay, o movimento negro, o pacifista, ecológico, todos esses movimentos acabaram trazendo ideias, desejos da juventude se expressar. E essa expressão hoje se mostra na forma de videogames, dos diferentes tipos de música, do funk, do sertanejo, do pagode e das músicas regionais. Há todo um movimento histórico da cultura infantojuvenil, que produz conhecimento e que, de alguma forma, a escola tem que se apropriar desse conhecimento para que a gente possa fazer esse movimento construtivista, para fazer essa relação ensino-aprendizagem. E a cultura jovem - a gente costuma falar do adolescente, mas são muitos adolescentes, são muitos tipos de adolescência em qualquer nação e, na diversidade brasileira, maior ainda, um Brasil que é um continente de produção de cultura. Então, conhecer o que os jovens estão consumindo, em termos de cultura,

nos aproxima do jovem. E é muito interessante que a gente pegue esse conhecimento e comece a abarcar nos planos de aula.

Uma das características desta cultura jovem é a narrativa, a contação de histórias, que foi algo que a escola perdeu. No começo da escola de massa, no iluminismo, no enciclopedismo, a gente começou a produzir um conhecimento muito formado em listas. Então, quando eu vou falar de célula, eu faço itens, membrana celular, citoplasma e núcleo. Isso não foi sempre assim que a gente aprendeu. A gente sempre aprendeu com contação de histórias. Desde Homero, os trovadores medievais, o pajé da tribo, sempre contaram histórias. Esse iluminismo, no fundo, acabou contendo pouco dessa contação de histórias e acabou trazendo o conhecimento por listas. E uma das questões interessantes da cultura infantojuvenil são as narrativas. O game é uma narrativa, os HQs são narrativas, as séries de TV são narrativas. A música pop é uma contação de histórias do cotidiano dos jovens. Então, é importante que a gente, também na escola, se aproprie dessas narrativas, conecte o currículo escolar a essas narrativas. A cultura infantojuvenil pode influenciar muito o currículo escolar quando ela força a escola a contar histórias. Acho que a cultura infantojuvenil está neste aspecto. Primeiro, a questão da significatividade com que o construtivismo prega. Depois, a necessidade da contação de histórias e abarcar as diversas mídias, as diversas linguagens que os jovens hoje utilizam para se expressar.

Quais os maiores desafios? Primeiro, a cultura escolar, de alguma forma, é um pouco hermética. A universidade forma um modelo de educação, que é um pouco fechado. Vem da tradição iluminista. A educação doméstica a cultura, ela pega um fragmento da cultura, transforma numa sequência conceitual e fecha. É como se a gente estivesse, de fato, fechado uma enciclopédia com aqueles conhecimentos ali dentro estruturados. A escola tinha que se organizar para poder passar seus conteúdos, massificar, fazer uma reflexão profunda sobre as especialidades. No entanto, no mundo atual, a complexidade exige, cada vez mais, que esse conhecimento escolar vá para o mundo, e o mundo entre nesse conhecimento escolar. A tradição fechada das disciplinas, das especializações, é um dificultador, e a universidade da tradição iluminista, desta tradição do século XVIII, enciclopedista, acaba tendo dificuldade de negociar com a cultura contemporânea, com a cultura que emerge. Porque a cultura que está aí é algo selvagem, num sentido bom, de descontrole, todo dia vai surgindo alguma coisa nova. Com as redes sociais, é comum a gente ver polêmica três, quatro dias, num Twitter, onde um determinado tema emerge e desaparece. Não que a escola tenha que correr atrás dessas questões pueris, mas ela tem que ficar atenta aos fenômenos culturais, não só jovens, mas contemporâneos. Então, como os currículos escolares são egressos desta tradição iluminista, a gente tem dificuldade de romper com o catálogo enciclopedista dos currículos.

Outro fator é que, em qualquer tempo, a cultura adulta tem um certo preconceito em relação à cultura infantojuvenil. São camadas diferentes, e a gente tem que

fazer essa mistura. E uma das questões importantes seria começar a trabalhar muito com os jovens, trazer o jovem como um curador da cultura em que ele vive, e negociar com ele os sentidos. Talvez, de maneira muito prática, numa primeira semana de aula ou, numa segunda, ir elencando o que os jovens conhecem, estudar um pouco o que eles estão consumindo para que a gente possa conectar com o conhecimento escolar. Então, essa também é outra dificuldade porque é difícil você ir preparando aula nas emergências da cultura. A gente tem uma dificuldade pela tradição escolar, por um certo preconceito da cultura adulta em relação à cultura infantojuvenil. E a gente tem muita dificuldade, porque são muitas culturas infantojuvenis; compilar, organizar isso, é difícil para um planejamento. Mas, podemos tentar. A BNCC traz a necessidade da contextualização, trabalha a cultura digital, traz questões, como a resolução de problemas, projetos, temas. E há aspectos muito interessantes. A BNCC não é o currículo, é uma orientação curricular. São os mínimos necessários para que a gente possa considerar o brasileiro um cidadão. Só que o currículo mesmo, ele é construído nos estados, nos municípios, nos planos políticos pedagógicos das escolas, no plano de aula. É como se fosse uma boneca russa, a matrioska. A primeira, que dá forma, é a BNCC. Depois, a gente vai pondo camadas regionais, camadas territoriais e, nessas camadas de produção de currículos, principalmente no PPP da escola, no plano de aula do professor, no planejamento do professor, a gente pode trazer esses elementos que a BNCC propõe, com cultura digital, narrativas, o trabalho com problemas, com projetos, e uma série de orientações que são dadas, para que a gente, de fato, inclua o mundo na escola. Então, a BNCC traz muitas oportunidades, ela não é uma amarra; é, na verdade, como se fosse uma bússola, mas, os caminhos a partir desta bússola, esse mapa até chegar no território escolar, nós é que vamos construindo. É fundamental que a gente use os jovens como curadores do conhecimento, que a gente faça planejamentos constantes, como quem planeja a rota de um navio, e a cultura, o que emerge na escola, como se fossem as correntes que derivam o nosso barco, e nós, constantemente, temos que replanejar para que a gente volte para aquela ideia inicial de chegar do ponto A para o ponto B. Nesse processo de reflexão, trouxemos muito do conhecimento jovem. Então, é possível e necessário trabalhar, e cada vez mais, temos que achar o jovem, a criança, como um parceiro. E há diferentes níveis de cultura, temos desde a Peppa Pig, a Anitta, aos games, que são tribos da juventude que têm conhecimento, e que gostariam muito que esse conhecimento se conectasse com o conhecimento formal da escola.